

CEPA - Centro de Pastoral da Arquidiocese
Rua Vereador Joaquim P. Castro, 267 - Vila Santo Antonio
Fone/Fax: (44) 267-2001 - CEP 87030-170 - Maringá - PR
E-mail: cepamga@wnet.com.br



Compromissos da Arquidiocese de Maringá

2001 - 2003

Compromissos que ficam

A XX Assembléia da Arquidiocese de Maringá, dia 16 de setembro de 2001, encerrou um longo processo e iniciou uma nova etapa na vida de nossa Igreja Particular. Os representantes das paróquias, das pastorais e dos movimentos aprovaram os “*Compromissos da Arquidiocese de Maringá*” para o período 2001-2003.

Destaco quatro fontes de inspiração destes compromissos: a caminhada (isto é, a história) da própria Arquidiocese; os desafios enfrentados neste começo de século e milênio; os grandes desafios do Papa João Paulo II na *Novo Millennio Ineunte*; e as propostas da CNBB, sintetizadas em:

Ser Igreja no Novo Milênio.

A Arquidiocese de Maringá tem maior clareza, agora, quanto aos objetivos que precisam ser atingidos. Para alcançá-los, não nos falte a graça do Senhor e a maternal intercessão de Nossa Senhora da Glória.

Dom Murilo S. R. Krieger, scj
Arcebispo de Maringá

S I G L A S

TMA	Tertio Millennio Adveniente
PRNM	Projeto Rumo ao Novo Milênio
NMI	Novo Millennio Ineunte
SINM	Ser Igreja no Novo Milênio
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora
EN	Evangelii Nuntiandi
P	Puebla - Documento das conclusões gerais da III Conferência Latino-Americana
DGC	Diretório Geral para a Catequese

Compromissos da Arquidiocese de Maringá

Introdução

Ao declarar Ano Jubilar o ano 2000, o papa João Paulo II o tornou importante marco divisório de três etapas de quase uma década de Evangelização:

- 1) **antes** do Ano Jubilar (TMA e PRNM);
- 2) **celebração** do Ano Jubilar e 3) **depois** do Ano Jubilar (NMI e projeto SINM).

Portanto, estas diretrizes que seguem são resposta concreta de nossa Arquidiocese aos apelos do papa na sua carta apostólica *Novo Millennio Ineunte*, ou seja, *No Início do Novo Milênio*.

A feliz escolha da passagem bíblica em que Cristo ordena aos seus apóstolos *"ide para águas mais profundas"* é muito apropriada e sugestiva para nos inspirar e dar a espiritualidade de nossos trabalhos.

É igualmente estimulante a palavra do papa ao nos dirigir este convite e em deixar claro que se trata de nova etapa, a pós-ano jubilar, sobretudo quando diz: *"O símbolo da Porta Santa fecha-se atrás de nós, mas para deixar mais escancarada ainda a porta viva que é Cristo. Não é a uma vida cotidiana cinzenta que regressamos, depois do entusiasmo jubilar. Ao contrário, se foi autêntica a nossa peregrinação, esta terá como que desentorpecido as nossas pernas para o caminho que nos espera"* (NMI 59).

Depois de percorrermos um participativo processo de reflexão, desde as bases dos grupos paroquiais até a grande assembléia arquidiocesana, chegamos finalmente a uma síntese dos trabalhos que, registrada por escrito e completada com outras afirmações, será o nosso Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Maringá, que dirigirá nossos trabalhos por 2 anos. Esta síntese não se atém à letra

1. Exigência do Serviço e participação na transformação da sociedade pelo bem dos pobres

Conceituação:

Segundo esta Exigência, em nome do mandamento do amor, o cristão tem um compromisso de servir, promover e libertar seus irmãos, pelo simples fato de ser pessoa humana, independente de qualquer outra conotação.

Esta Exigência desdobra o mandamento do amor, expresso em forma tão sintética por Jesus no seu testamento: *"Amai-vos uns aos outros como eu vos amei"* (Jo 13, 34). E, já no próprio texto, é declarado característica da identidade cristã: *"Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos"* (Jo 13, 35).

Esta Exigência, vivida e testemunhada pelos primeiros cristãos (cf. Atos dos Apóstolos) dentro das estruturas e modelos de sociedade de seu tempo, em nossos dias, é reinterpretada e traduzida para nosso tempo e nossa realidade de pós-modernidade. Os imperativos do amor fraterno hoje não se esgotam ou se cumprem apenas com os tradicionais atos de caridade. Suas exigências avançam, passam pelas obras de misericórdia organizadas, obras assistenciais e se transformam em adesão e solidariedade a causas populares, e atingem seu ápice no martírio em lutas pela justiça.

Pelos relatórios se conclui o que também se pode facilmente observar: a Igreja tem presença marcante no campo da caridade e assistência social, obras, instituições, entidades etc. A limitação se mostra, muitas vezes, na ausência de atuação e de presença dos leigos nas estruturas operativas da sociedade. Atuam muito bem em órgãos instituídos pela Igreja, mas têm dificuldade de se inserirem nos organismos seculares.

Para que nossas comunidades e fiéis cresçam nesta Exigência, será necessário conhecer melhor a Doutrina Social da Igreja e os leigos compreenderem e assumirem melhor *"a sua primeira e imediata tarefa"* no campo próprio da sua atividade evangelizadora, que é o vasto e complicado mundo da política, da realidade social e da economia, da cultura, da mídia, da educação, da família.

Reconhecemos que em nossa realidade:

- A Igreja tem se distinguido socialmente no campo da caridade e da assistência social. Seja de maneira individual, seja de maneira organizada em entidades e obras assistenciais, como asilos, creches, albergues, campanhas etc.

- Devemos mencionar também os movimentos ou associações que se ocupam desta área caritativa, como os numerosos grupos da Sociedade São Vicente de Paulo, que tanto fazem pelos pobres e carentes.

- Existem muitas pastorais ou atividades pastorais que atendem a necessidades espirituais, pessoais e não só materiais. Lembremos, por exemplo, visitas a enfermos, visitas a encarcerados.

- A considerável soma de recursos financeiros que em nossas paróquias é, quase diariamente, destinada à ajuda aos carentes e pedintes que vêm bater à porta de nossas secretarias e casas paroquiais. As finalidades são as mais variadas: passagens, conta de luz, comida, remédio... Esse compromisso é tão reconhecido que o incorporamos às finalidades do dízimo.

- Há muito trabalho de voluntariado e de dedicação na forma de cuidado de enfermidades e outras modalidades de carência. Citamos: apoio a grupos de AA., a dependentes químicos, a portadores de HIV.

- Devemos mencionar, com destaque, a atuação da Pastoral da Criança, sublinhando seu alcance em números e extensão, seus critérios e sua espiritualidade e também seus frutos.

- Em determinados momentos, a Igreja assumiu, junto com outras forças da sociedade, posições claras em favor de causas que provaram beneficiar o povo.

- Apesar das dificuldades, mantêm-se acesas e vivas certas pastorais até mesmo conflitivas, como Pastoral da Terra, Pastoral da Educação e Pastoral Indígena.

- As falhas estão na falta de atuação dos leigos nos mecanismos e instituições temporais. Os cristãos, muitas vezes, são cúmplices da corrupção e da falta de ética pública nos órgãos e instituições públicas.

- A Doutrina Social da Igreja não é conhecida.
- Falta politização em nossos leigos, o que determina descrédito da política e conseqüente esterilidade dos esforços de promoção e libertação por serem desenvolvidos à margem dos recursos. Oferecemos por caridade o que é devido por direito e justiça.
- As realizações acima mencionadas são muitas, se consideradas independentes; mas em comparação com o universo da situação de miséria do Brasil, é uma gota d'água no oceano.

Reconhecemos que nos documentos e orientações da Igreja:

- É afirmada a validade de todas as formas de caridade, desde o prato de comida e o copo d'água até o mais heróico gesto de luta pela justiça.
- Somos orientados e chamados a aprofundar nossa atuação de modo a atingir as causas da miséria, da pobreza e de todos os outros males de nosso povo.
- *“Convém que, sem adiar o socorro imediato e urgente às situações de maior carência (fome, doenças...), as iniciativas das pastorais sociais se voltem para o combate às causas dessas carências, promovendo em parceria com outras organizações da sociedade civil e autoridades públicas a criação de emprego, educação, a assistência sanitária...”* (DGAE 198).
- *“O empenho consciente neste trabalho social levará a questionar e lutar para transformar as estruturas e decisões políticas que influem sobre estas situações...”* (Id., lb.).
- Não podemos eximir-nos de um sério compromisso social em nome de nossa fé, sob pena de perder nossa identidade cristã e a própria salvação. Recordemos Mt 25, 41: *“Afastai-vos de mim, malditos...”*.
- O empenho na ação social não é opcional ou responsabilidade que se possa “terceirizar”, isto é, encarregar alguém para fazer em nosso lugar. Pelo contrário. *“É lamentável que a Ética Social Cristã apareça a muitos, mesmo entre o clero, apenas como opção facultativa ou generoso empenho de poucos”* (DGAE 197).

- Não podemos deixar de reconhecer o apelo dramático que a Igreja nos faz ouvir da realidade:

- *“Vemos, à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres. O luxo de alguns poucos converte-se em insulto contra a miséria das grandes massas...”*

- *“Comprovamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos...”* (P 28).

E o papa João Paulo II chega a dizer que, às vezes, nem a promoção é suficiente, e que se requer uma ação mais enérgica:

- *“Que se derrubem as barreiras da exploração... contra as quais se estraçalham os melhores esforços de promoção”* (João Paulo II, Alocução em Oaxaca).

Diante disso, nós, delegados da Assembléia, nos comprometemos a:

- Validar a Comissão do Serviço para que seja um instrumento de reflexão e animação das pastorais sociais.
- Conforme o sentir misericordioso de nosso povo, dar continuidade à prática das obras de misericórdia com renovada caridade e convicção.
- Incentivar e apoiar as entidades, instituições, movimentos, pastorais que se dedicam ao serviço da caridade e assistência social, promoção e transformação social.
- Aderir e apoiar efetivamente a Campanha da Fraternidade como sendo um projeto de peso dentro da Exigência do Serviço.
- Divulgar mais a Doutrina Social da Igreja através de cursos, estudos, indicação de bibliografia etc.
- As diferentes escolas de formação cristã ofereçam em seu currículo disciplinas com conteúdo de Doutrina Social da Igreja e de cidadania.
- Dar mais formação aos seminaristas, leigos, padres e toda a Igreja sobre sua missão no mundo e nas realidades temporais.
- Apoiar e incentivar a inserção de leigos nas instituições e estruturas operativas da sociedade como conselhos, escolas, associações etc.

- Priorizar, ao menos em ordem de urgência e importância, a atuação junto aos menores abandonados e aos mais carentes.

- Dar especial apoio à Pastoral da Criança, procurando estendê-la e implantá-la em todas as paróquias, considerando sua alta eficácia e seu marcado caráter de eclesialidade.

- Dependendo da realidade de cada paróquia, recorrer à experiência de certas pastorais para prestar serviços, como serviço aos encarcerados, aos enfermos, etc.

- Conjugada com a Exigência do Diálogo e do Anúncio, atuar junto às novas áreas e segmentos da sociedade pós-moderna. Entre elas se destacam as escolas, as universidades, os meios dos profissionais liberais, a mídia. Nelas estão envolvidas a Pastoral da Educação, Pastoral da Cultura e Pastoral da Comunicação, entre outras.

- Aprofundar o alcance dos compromissos do serviço, ou do amor ao próximo, conforme indica claramente o PRNM. Nossa meta é a luta e a promoção dos **direitos civis** (vida, integridade, liberdade e igualdade perante a lei...); dos **direitos sociais** (educação, saúde, informação, cultura, ecologia...); dos **direitos econômicos** (terra, alimento, trabalho, moradia...).

2. Exigência do Diálogo Com as culturas e as outras religiões

Conceituação:

Muito ligada com o Anúncio e, sobretudo, com a exigência geral da Inculturação, esta exigência nos coloca o desafio de estar diante do profundamente diferente e ter que criar comunhão com ele.

Primeiramente, os diferentes mundos das culturas pós-modernas, tão plurais no seu saber, nos seus valores, nos seus comportamentos e nas suas éticas. Este propósito de criar comunhão, isto é, dar e receber, não pode, nem de longe, engendrar uma hipocrisia de ser apenas uma atitude externa, ou constituir uma estratégia para conquistar alguém para o “nosso lado”.

A razão desta autenticidade está em que a Igreja crê sinceramente

que o mistério de Cristo preexiste ao mistério da encarnação do Verbo. E que a ação do Espírito precede o anúncio do Evangelho. Ele faz germinar sementes deste mesmo Verbo nas religiões e nos esforços humanos à procura da verdade e do bem. Assim, ele “*manifesta plenamente o homem ao próprio homem*” (GS 22). Portanto, podemos realmente aprender com o “outro” e receber do “outro”, mesmo que ele não seja da nossa cultura cristã ou da nossa religião.

Em segundo lugar, delineia-se para nós uma situação muito característica, que é a do diálogo religioso ou a do ecumenismo. Valem os mesmos princípios e fundamentos acima expostos.

Em termos de consideração geral, a partir dos relatórios, pode-se dizer que a meta de estabelecer diálogo com as culturas se apresenta em um horizonte distante. Principalmente se formos olhar o que se organiza concretamente.

Quanto ao ecumenismo, um sentimento de certo desalento de não encontrarmos eco às nossas propostas e tentativas de aproximação enfraquece e desestimula os esforços.

Reconhecemos que em nossa realidade:

- Encontramos muita dificuldade em identificar e entender as situações de diálogo com as culturas e projetar nossa ação neste campo.

- Evangelização inculturada e diálogo com a cultura negra e indígena se nos afiguram coisas de especialista.

- O ecumenismo, com exceção da sede da Arquidiocese, tem muito pouca expressão. A dificuldade de manter uma atitude de abertura, livre de preconceitos passados e de sectarismo, constitui um obstáculo quase intransponível, em nível de base popular.

- A Comissão Arquidiocesana do Diálogo, com muito esforço, tem mantido acesa a chama do ecumenismo através de contatos entre pastores, promoção da Semana da Unidade etc.

Reconhecemos que nos documentos e orientações da Igreja:

• É urgente para Igreja *“o diálogo com as formas culturais da modernidade, na sua complexidade e diversificação. Deve-se prestar especial atenção pastoral àqueles grupos humanos ou setores da sociedade que mais intensamente são influenciados pela modernização e àqueles grupos que exercem influência privilegiada na formação da opinião pública, nas mudanças de comportamento, na proposta de novos motivos e valores”* (DGAE 212).

• Destaca-se a importância de reconhecer e praticar as disposições que tornam o diálogo autêntico e proveitoso: equilíbrio, que une abertura e realismo; convicção, que permite expressar com sinceridade e integridade a própria fé (cf DGAE 207).

• É categoricamente afirmado que o ecumenismo *“é uma dimensão constitutiva e irrenunciável da missão”* e que, portanto, *“é preciso incentivar e alimentar o espírito de diálogo ecumênico em todos os católicos”*.

Diante disso, nós, delegados da Assembléia, nos comprometemos a:

• Estimular todos os fiéis de nossas comunidades a buscar aproximação com nossos irmãos não católicos, apesar das dificuldades.

• Para isso, buscar orientação e preparação para que se garantam as condições de um verdadeiro e autêntico ecumenismo, evitando sectarismo, irenismo ou pôr em dúvida a fé católica.

• Manter e apoiar os trabalhos da Comissão Arquidiocesana do Diálogo.

• Assumir e organizar nas paróquias a Semana de Unidade dos Cristãos como instrumento de informação, principalmente, para os católicos.

• Promover as formas de diálogo com instituições que representam a cultura moderna, como conselhos de Medicina, OAB etc.

• Utilizar-se mais dos temas sociais (saúde, idosos, drogas, menores etc.) como instrumento de aproximação entre cristãos para um trabalho ecumênico.

• Investir na orientação e formação de agentes e lideranças.

• Introduzir no currículo das escolas de formação cristã conteúdos referentes ao ecumenismo.

• Sempre que possível, realizar tarefas e programas em colaboração com outras Igrejas.

3. Exigência do Anúncio

Conceituação

Segundo essa Exigência, a Igreja (arquidiocese, paróquia) deve estar apta e preparada para promover o Anúncio, ou seja, o Kerygma. Esta etapa da pregação da Palavra tem características bem determinadas quanto a conteúdo, método, destinatário e objetivo. Não é qualquer sensibilidade, qualquer visita, qualquer atividade com não praticante que se pode denominar e ter na conta de Anúncio. *“Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho Deus, não forem anunciados”* (EN 22).

Merece destaque também o objetivo do anúncio do Kerygma: a conversão. É corrente e é lugar comum os pastoralistas afirmarem que, em geral, o povo brasileiro é um povo batizado sem ter sido evangelizado, ou sem ser verdadeiramente convertido. Por isso, quando posto à prova, trai sua fé.

Sem conversão não há Anúncio, pois, *“o anúncio, de fato, não adquire toda a sua dimensão senão quando ele for ouvido, acolhido, assimilado e quando ele houver feito brotar naquele que assim o tiver recebido uma adesão de coração”* (EN 23).

Muitas das atividades elencadas nos relatórios, como por exemplo, informativos paroquiais, programas de rádio, visitas sem programação precisa, bênçãos e outras atividades litúrgicas, promoções de festas e convivências, concentrações e outras, não respondem adequadamente à urgência e ao imperativo do Anúncio. Confirmam-se citações e documentação constantes neste texto. Talvez se pudesse denominá-las pré-missão ou sensibilização para a missão, o Kerygma.

No horizonte do nosso compromisso com o Anúncio surgem como situação de urgência os 50% de adultos afastados, não praticantes e que já foram ou ainda se declaram católicos (cf DGAE 231).

Normalmente, perdemos de vista este destinatário de nossa missão e de nosso compromisso e o confundimos com aqueles que estão nas proximidades ou quase dentro da Igreja.

Pesa sobre nós o exemplo das comunidades dos Atos com sua força de converter, relatado em At 2, 47: *"Louvavam a Deus, eram estimados por todo o povo. E cada dia o Senhor acrescentava a seu número mais pessoas que seriam salvas"*.

Ao verificar o pouco crescimento de novos membros que se agregam à comunidade, pesa mais ainda o questionamento de Jesus: *"Vós sois o sal da terra. Se o sal perder a sua força, com que se salgará? Não servirá mais para nada"* (Mt 5, 13).

Reconhecemos que em nossa realidade:

- Há muito trabalho de Evangelização e com resultados visíveis. A prova disso é o grande número de fiéis que integram e participam da vida da Igreja em nossas paróquias.

- Podem-se contar também numerosos leigos e leigas verdadeiramente convertidos que testemunham sua fé e, à maneira de fermento na massa, a expressam na sociedade, seja com seu testemunho de vida, seja através de militância.

- Verifica-se certamente em nossa realidade o dado estatístico da CNBB, segundo o qual de cada dois adultos um deixou de ser católico praticante.

- Há encontros de conversão, mas são iniciativas isoladas. A paróquia, como tal, não é uma estrutura "convertedora".

- Há movimentos, como Cursilho, MFC e RCC, que têm organizados seus encontros de conversão ou "anúncio" em nível arquidiocesano, mas são quantitativamente insuficientes para atender às necessidades das paróquias.

- Não estamos conseguindo organizar pastoralmente a etapa do Anúncio. Não temos um instrumento comum, que possa ser avaliado, acompanhado, aperfeiçoado num plano conjunto da arquidiocese.

- Não estamos conseguindo uma verdadeira conversão e adesão profunda a Cristo. As conversões que conseguimos não têm a qualidade da qual fala, por exemplo, a EN.

- Não projetamos a missão para os líderes da sociedade. Há espaços vazios de missão, como os ambientes universitários, das escolas, dos profissionais liberais, dos operários, da grande juventude e dos homens e das mulheres construtores da sociedade pluralista.

- Não levamos em conta a diversidade da comunidade, por isso nossa comunicação, método e linguagem são falhos.

- Além dos católicos de origem, mas atualmente afastados e não praticantes, há os grupos ou etnias não católicos de origem. Entre estes estão principalmente a cultura negra e os indígenas.

- Desperdiçamos com atendimento superficial e inconseqüente as oportunidades em que estes católicos procuram os sacramentos, batismo principalmente, ou outros serviços da Igreja.

Reconhecemos que nos documentos e orientações da Igreja:

- *"A tarefa fundamental para a qual Cristo envia seus discípulos é o anúncio da Boa Nova, isto é, a Evangelização (cf. Mc 16, 15-18)"* (EN 12). É a sua mais profunda identidade.

- A Evangelização é a sua razão de ser. *"Ela existe para evangelizar"* (EN 14).

- O Anúncio ou o Kerygma deve ser proclamado de maneira explícita e muito determinada pelos princípios do diálogo e da inculturação.

- Deve ser usada uma metodologia viva, mais de experiência de Deus e de testemunho que de palestras e ensino.

- Os jovens merecem atenção especial. Por eles a Igreja da América Latina fez uma opção preferencial (cf. P 1166; SD 114). A Igreja os quer como sujeitos ativos e protagonistas da evangelização e artífices da renovação social.

- *"A Pastoral da juventude, portanto, deve estar entre as principais preocupações dos pastores e das comunidades"* (DGAE 236).

- Ainda que o Anúncio seja uma etapa dentro de um processo mais amplo de conversão e inserção na Igreja, ele mesmo se desdobra organicamente em “passos e momentos” distintos. Ele será pleno quando tiver sido ouvido, acolhido, assimilado e feito brotar adesão no coração e adesão ao programa de vida e entrada em uma comunidade (cf. EN 24).

- Falta articulação entre as pastorais, movimentos, paróquias e padres em suas atividades de Evangelização.

- A denúncia do pecado pessoal e do pecado social, presentes nas estruturas e nas ações contrárias às propostas do Reino, faz parte do autêntico anúncio.

- A tarefa do anúncio se vivencia numa verdadeira unção e investidura: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para que dê a boa notícia aos pobres; enviou-me a anunciar a liberdade aos cativos e a visão aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, para proclamar o ano de graça do Senhor”* (Lc 4, 18-19).

Diante disso, nós, delegados da Assembléia, nos comprometemos a:

- Imprimir maior dinamismo missionário, sobretudo à estrutura paroquial.

- Criar (novos?) instrumentos de anúncio e conversão, nos quais o conteúdo do Kerygma seja proposto e se garanta uma metodologia própria de experiência de Deus e que atinja a pessoa por inteiro, na sua mente, na sua vontade, na sua sensibilidade e na sua emocionalidade.

- Recorrer mais à organização e promoção de jornadas, retiros, acampamentos etc.

- (Movimentos que atuam nesta área:) Prestar este serviço, atendendo aos critérios acima expostos e convertendo para a Igreja e não só para o movimento.

- Dar dimensão missionária às atividades de todas as pastorais e estruturas existentes, como cursos de noivos, pastoral de batismo etc. para que o anúncio possa atingir os mais afastados.

- Buscar solução para os “espaços vazios de missão”; identificá-los melhor, refletir mais seriamente sobre eles e projetar a ação.

- Investir na pastoral da visitação, dando-lhe características de programa de missão e formando uma equipe arquidiocesana para subsidiar, organizar e animar esse trabalho nas paróquias.

- Criar instrumentos que possibilitem continuidade do anúncio às diferentes atividades de pré-missão que sejam desenvolvidas, como novenas, visitas, reuniões etc.

- Valorizar todo o trabalho de anúncio feito pelas diferentes pastorais e movimentos.

- Dar formação e capacitação contínuas aos agentes, leigos e padres, garantindo conteúdos e metodologias concretas para que possam atuar com mais qualidade na Exigência do anúncio.

- Usar mais amplamente e melhor os MCS por todas as estruturas da Igreja como instrumento para levar e aprofundar o anúncio aos afastados.

- Organizar melhor as estruturas e planejar as diferentes fases do itinerário do anúncio com objetivos claros e definidos, que levem a um processo de envolvimento e fundamentação concreta das atividades.

- Adotar o *Itinerário de uma Comunidade* como ponto de unidade para o trabalho do Anúncio.

- Encaminhar a realização de Missões Populares, com prévio estudo e conhecimento de experiências já existentes.

- Valorizar as práticas da religiosidade popular para estabelecer ou reforçar laços entre os católicos não-praticantes e a comunidade eclesial. A herança do catolicismo popular é uma rica reserva de energias evangelizadoras.

- Aproveitar as ocasiões em que os católicos afastados procuram a Igreja, principalmente para os sacramentos da iniciação de seus filhos ou outros serviços, para propor um verdadeiro anúncio e retomada da fé ou, ao menos, uma aproximação.

- Ter um tratamento diferenciado e, quanto possível, personalizado para com os não-praticantes.

- Levar a sério críticas e motivações aduzidas como causas do afastamento da prática eclesial.

- Privilegiar mais o contato pessoal do que o burocrático.

- Dar especial atenção à pastoral urbana, com a criação de estruturas eclesiais mais adequadas à pós-modernidade.

- Buscar juntos soluções e propostas para a Pastoral da Juventude. Compreendê-la e realizá-la na sua diversidade de situações e necessidades: rural, universitária, operária etc.

- Priorizar, ao menos em ordem de urgência e importância, a atuação junto aos menores abandonados e mais carentes.

4. Exigência do Testemunho da comunhão eclesial

Conceituação

Segundo esta Exigência, a Igreja em nível de comunidade de base, de paróquia e de arquidiocese deve oferecer a seus membros os meios necessários para aprofundar a sua fé, alimentar sua vida espiritual, oferecer organizações e estruturas de união, comunhão e participação ativa e responsável. Sobretudo oferecer recursos e orientações que levem o fiel a percorrer um **itinerário** preciso e dinâmico, no fim do qual esteja maduro para dar testemunho de sua fé e atuar, sobretudo no seu primordial campo de ação: o vasto mundo da secularidade (cf EN 70).

Ao que transparece das avaliações até aqui, há muito esforço, muito trabalho, muita vivência cristã no interior de nossas comunidades. Mas há também grandes fraquezas e incapacidade, sobretudo de nossas paróquias, em oferecer uma estrutura dinâmica de crescimento e “emancipação” do leigo no sentido de maturidade para assumir a sua vocação.

Reconhecemos que em nossa realidade:

- Há uma boa organização do povo em grupos de reflexão (GR), em comunidades e divisão geográfica em setores e regiões pastorais. Existem os conselhos nos vários níveis. Seu funcionamento é variável.

- Ainda se observam dificuldades de integração de vida eclesial e de forças quanto a movimentos e pastorais específicas. Há certas resistências da parte do clero e fechamentos localizados da parte de movimentos e de pastorais. Observam-se também resultados positivos de superação a partir de reuniões feitas com este objetivo.

- A catequese é um dos setores pastorais mais bem organizados, uma das estruturas mais fortes e amplas, apesar de contemplar mais a catequese de iniciação (Primeira Eucaristia e Crisma). A catequese como formação permanente dos jovens e adultos, no sentido de itinerário de amadurecimento da identidade cristã e de militância, está longe de atingir seu objetivo.

- Neste sentido, multiplicaram-se os cursos de formação doutrinal e as escolas teológicas, preocupando-se com maior profundidade, qualidade e ensino sistemático das disciplinas teológicas. Foram conseguidos muitos resultados positivos.

- A liturgia é outra dimensão pastoral bem atendida. Há esforço dos sacerdotes para que o povo tenha o máximo de oportunidade de participar da santa missa. Isto se completa com o trabalho dedicado dos MECE, seja com celebrações da Palavra, com as celebrações do culto e com a distribuição da comunhão eucarística. Pode-se, contudo, desenvolver mais criatividade e vida nas celebrações. É possível haver mais critérios e bom gosto nesta criatividade, como também mais unidade para não causar constrangimento, insegurança e mal estar no meio do povo pelas diferenças arbitrárias decorrentes de desconhecimento da verdadeira natureza da liturgia.

Reconhecemos que nos documentos e orientações da Igreja:

- A organização do Povo de Deus em grupos de base, CEB e pequenas comunidades é proposta e ordenada pela Igreja, desde seu mais alto escalão, o concílio e o papa, até a instância mais ínfima de nossas reuniões regionais de clero.

- *“No seio de algumas paróquias... as pequenas comunidades eclesiais existentes podem dar uma ajuda notável na formação dos cristãos, podendo tornar mais capilares e incisivas a consciência e a experiência da comunhão e da missão eclesial”* (ChL 61).

- *“Poder-se-á alcançar mais facilmente este objetivo, se se promover nas paróquias a formação de pequenas comunidades eclesiais”* (DGC 258).

- “As Comunidades Eclesiais de Base são expressão de amor preferencial da Igreja pelo povo simples; nelas se expressa, valoriza e se purifica sua religiosidade e se lhe oferece possibilidade concreta de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo” (P 643).

- “(A paróquia) É centro de coordenação e animação de comunidades, grupos e movimentos” (P 644).

- “O projeto SINM é uma aposta no valor da vida comunitária para o cultivo e transmissão da fé e, mais, acredita que a comunidade seja o espaço de verificação de autenticidade da fé. Nos anos que seguiram ao Concílio Vaticano II, a Igreja do Brasil desenvolveu uma prática de reflexão em pequenos grupos, que sustentou a fé de inúmeros irmãos e irmãs, bem como tornou a Igreja muito mais próxima da realidade vivida pelo povo” (SINM 9).

Catequese de iniciação, catequese permanente e itinerário

“A catequese de iniciação lança as bases da vida cristã naqueles que seguem a Jesus. O processo permanente de conversão vai além daquilo que fornece a catequese de base. Para favorecer tal processo, é necessária uma comunidade cristã que acolha os iniciados para sustentá-los e formá-los na fé” (DGC 69).

“Nesta mesa da Palavra de Deus, a homilia ocupa um lugar privilegiado, uma vez que retoma o itinerário de fé proposto pela catequese e o leva ao seu complemento natural; ao mesmo tempo, ela impulsiona os discípulos do Senhor a retomarem cada dia o seu itinerário espiritual, na verdade, na adoração e na ação de graças” (DGC 70, citando João Paulo II).

Liturgia

“A Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda sua força” (SC 10).

Diante disso, nós, delegados da Assembléia, nos comprometemos a:

- Retomar, com maior empenho, a organização das paróquias em pequenas comunidades e GR, ou seja, implantar realmente estruturas comunitárias de entreaajuda e experiência de fraternidade.

- Considerar as pessoas integradas na família; esta como Igreja doméstica e, a partir daí, promover a Pastoral Familiar.

- Ativar a Comissão do Testemunho a ser constituída pela diretoria do CPP, na dimensão paroquial, e do Conselho Arquidiocesano de Pastoral, na dimensão arquidiocesana, dando continuidade ao PRNM e ao SINM.

- Tornar os conselhos pastorais autênticos e eficazes, promovendo verdadeira participação e responsabilização de todos na Evangelização, principalmente dos leigos. Isto será tema de contínua reavaliação e cobrança em nossas reuniões.

- Principalmente através dos conselhos, em especial do CPP, promover a harmoniosa integração das pastorais específicas, dos serviços e dos movimentos com a Pastoral “maior”, a da arquidiocese.

- (Pastorais específicas, movimentos e serviços) Atuar e agir em comunhão com toda a Igreja, procurando conhecer e observar as grandes linhas e orientações, principalmente da CNBB e da arquidiocese.

- Investir mais nos conselhos pastorais das regiões para que sejam reais mediadores entre as coordenações e as bases paróquias, e para que sejam animadores e co-formadores dos nossos agentes de pastoral.

- A empreender uma atitude solidária, generosa e de comunhão fraterna na solução da manutenção dos gastos com a evangelização na arquidiocese e nas paróquias.

- Continuar dando sustentação à nossa catequese naquilo que se refere à organização, aos conteúdos programáticos, à formação de catequistas etc. Isto se refere aos trabalhos de base nas paróquias e aos programas e orientações do nosso Secretariado Arquidiocesano de Catequese.

- Assegurar a continuidade e garantir a unidade orgânica da formação cristã - leia-se catequese permanente -, articulando melhor a etapa

de iniciação à Eucaristia, de Pastoral da Adolescência e de Pastoral da Juventude.

- Neste sentido, buscar solução para a catequese dos jovens e adultos, melhor dizendo, formação dos adultos, ou ainda, "catequese de aperfeiçoamento" (DGC 71), tendo presente a preocupação de acompanhar os grupos e pessoas, à luz do subsídio oferecido pela coordenação, denominado *Itinerário de uma Comunidade*.

- Promover cursos e estudos bíblicos e doutrinários, como estão sendo realizados, e, sem perder de vista a realidade brasileira, incluir mais a Doutrina Social da Igreja, conforme insistência do Magistério.

- Coerente com a indicação dos GR como uma das prioridades, direcionar mais atenção e recursos, inclusive financeiros, para a reanimação de sua caminhada, conforme várias menções nos relatórios.

- Continuar zelosa atenção para com a liturgia, no dizer do Concílio, "*cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, fonte donde emana toda sua força*" (SC 10).

- Oferecer às equipes litúrgicas formação não só técnica, mas também teológica, doutrinal e espiritual.

- Todos, principalmente os presbíteros, conhecer sempre mais e melhor a sagrada liturgia para poder promovê-la e celebrá-la com dignidade e animação.

- Para efetivar isto, valorizar mais os serviços das equipes paroquiais e da Equipe Arquidiocesana de Pastoral Litúrgica.

- Zelar pela formação de nossos agentes pastorais.

- Apoiar e incentivar o desenvolvimento dos carismas, sem que haja desvios teológicos e doutrinários pela instrumentalização das celebrações litúrgicas e devocionais.

Conclusão

"Ide para águas mais profundas".

É o apelo a sair das águas rasas de uma pastoral sem profundidade, repetitiva, sem arrojo, sem criatividade, sem tentativas. Pastoral atracada, com cordas curtas, à margem da segurança de nossas experiências. Já fomos advertidos para avançar com novo ardor, novos métodos e novas expressões.

A ordem de Cristo de ir para o alto mar inclui também a indicação do instrumento para a pesca: a rede. "Lançai as redes".

Aí está mais um jato de luz para interpretação e espiritualidade de nosso planejamento pastoral: estas organizações, o planejamento, o calendário... querem ser uma rede na qual cada malha seja constituída primeiramente de pessoas, fiéis, cristãos interligados organicamente na graça; depois, de amarras harmoniosas de instrumentos, recursos materiais, projetos, organizações específicas etc.

Assim, diante de nós "abre-se um novo milênio como um vasto oceano" (NMI 4).

Sob as palavras do Senhor, com o sopro de seu Espírito a impulsionar nosso barco para águas mais profundas, lançaremos as redes. É preciso o engajamento de todos.

Temos esperança e certeza de que teremos a mesma sorte e o mesmo final feliz do fato original do Evangelho: "Assim fizeram e apanharam uma grande quantidade de peixes" (Lc 5, 6).

ITINERÁRIO DE UMA COMUNIDADE

Quanto a:	1º Passo	2º Passo	3º Passo	4º Passo
a) <i>União dos membros</i>	- Amizade - Sentir-se grupo - Partilha dos problemas pessoais	- Colaboração - Solidariedade - Serviços - Ministérios - Ajuda aos pobres	- Gestos públicos - Mutirões - Solidariedade	- Diluição na grande comunidade - Conservação da consciência de pertencer à Igreja
b) <i>Conhecimento da Fé</i>	- Pouco profundo - Devoções - Conhecimento de Deus é vago - Religiosidade popular	- Cristo surge com destaque - Cristo = mestre - Ordena melhor a cabeça	- Pedidos de curso, principalmente Cristo profeta	- Fé = critérios acima dos projetos; ilumina e julga
c) <i>Atos de vivência</i>	- Novenas - Círculos bíblicos - Orações - Descoberta da Bíblia	- Oração de melhor qualidade - Regularização de batismo, casamento etc - Celebrações especiais - Mais conhecimento e participação litúrgica	- Atuação na vida paroquial - Celebração mais ligada à vida - Mais sentido do ano litúrgico	- Inquieta a Hierarquia - Assume tarefas nos e com os organismos seculares - Momento de Fé explícita e madura
d) <i>Realidade social</i>	- Quase não se põe a questão	- Ligação Bíblia-Vida - Passagem dos problemas pessoais para os comunitários	- Análise das causas dos problemas - Denúncias - Gestos públicos	- Leitura política e global da realidade - A realidade social é sujeito de salvação